

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**AS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA**

**OS IDOSOS NAS CLASSES NOTURNAS DE EDUCAÇÃO DE  
PESSOAS JOVENS E ADULTAS**

**PATRICIA CAVALCANTE JOSÉ ROQUE**

**MAT. 20011351048**

**Rio de Janeiro**

**Julho / 2005**

**PATRICIA CAVALCANTE JOSÉ ROQUE**

**AS MANIFESTAÇÕES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA ESCOLA**  
**OS IDOSOS NAS CLASSES NOTURNAS DE EDUCAÇÃO DE PESSOAS**  
**JOVENS E ADULTAS**

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia do Centro de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
(Unirio), como requisito para obtenção do grau de  
Licenciatura, orientado pelo Professor Dr. Diógenes  
Pinheiro.

**Rio de Janeiro**

**Julho / 2005**

## EPÍGRAFE

"O conceito de solidão inclui também uma pessoa em meio a muitas outras para as quais não tem significado, para as quais não faz diferença sua existência, e que romperam qualquer laço de sentimento com ela."

ELIAS, Norbert. Solidão dos Moribundos. 2001,

p. 75

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu forças para superar cada obstáculo, a minha família, aos meus amigos e a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta grande vitória alcançada.

## SUMÁRIO

I - Introdução	5
II - Problema	6
III - Objetivos	7
IV - Metodologia	8
V - A violência contra os idosos nos espaços escolares	9
V.I - Idoso, Terceira Idade ou Velho?	15
VI - O que é violência simbólica?	16
VII - Pesquisa de Campo	17
VII.I - O entorno	18
VII.II - A escola	19
VII.III - A observação	20
VIII - Idade cronológica x capacidades mentais e sociais	27
IX - Análise dos Dados	31
X - Conclusão	32
XI - Bibliografia	34
XII - Anexo I - Questionário	35

## I. INTRODUÇÃO

Meu interesse em estudar a violência simbólica nasceu da minha participação como Assistente da pesquisa "*Vitimização e Racismo nas Escolas*", realizada pela Unesco, no ano de 2003, e consolidou-se, com a minha vontade de conhecer um pouco mais a realidade educacional do município recém emancipado onde resido: Mesquita.

Durante a minha atuação na pesquisa acima referenciada pude observar a multiplicidade de maneiras em que a violência se expressa e, através de conversas informais com alunos das escolas participantes, de como a experiência da violência é sentida pelos atores envolvidos.

A escola vem deixando de ser um ambiente seguro, de aprendizado e integração social para transformar-se em um espaço de eclosão de episódios violentos, abrangendo desde agressões físicas até as modalidades de violência simbólica.

Faremos uma análise, de maneira específica, de como a violência simbólica se manifesta nos grupos escolares compostos predominantemente de alunos jovens, mas que possuem também uma parcela significativa de idosos.

Sendo assim, este estudo é de grande relevância para o conhecimento dos processos complexos de uma violência que é externada através dos atos e gestos<sup>1</sup> das pessoas e das relações de um poder mascarado, que dissimula seu caráter essencialmente autoritário e segregador. Esse tipo de

---

<sup>1</sup> Podemos citar como exemplos destes atos e gestos: os comportamentos discriminatórios, o não reconhecimento do potencial do outro, a repressão da liberdade de expressão e criação, as humilhações, a falta de respeito, etc.

violência não se pauta pelo uso da força física, mas por poder ferir profundamente, extirpando a auto-estima das vítimas.

## **II. PROBLEMA**

A eclosão de episódios violentos vem se tornando um fato banal no cotidiano dos alunos. A concepção de violência se ampliou, abrangendo desde categorias penais (crimes, delitos) até as mais amplas noções de perturbação psicológica, desordem, preconceito, vitimização, etc. Este quadro se torna ainda mais agravante se considerarmos a situação de desvantagem em que se encontram os alunos idosos nas escolas.

**Tendo em vista esses problemas, pretende-se conhecer quais são as formas mais comuns de manifestações da violência contra idosos nas classes noturnas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública de ensino fundamental do município de Mesquita.**

### **III. OBJETIVOS**

#### **GERAL –**

- **Aprofundar os conhecimentos relacionados às manifestações da violência simbólica contra o idoso no espaço escolar.**

#### **ESPECÍFICOS –**

- **Identificar os tipos e atos de violência simbólica contra os idosos ocorridos dentro da escola selecionada.**
- **Verificar os condicionantes sociais e políticos que influenciam na efetivação dos incidentes violentos contra os idosos nas escolas.**

#### IV. METODOLOGIA

Realizei esta pesquisa através de uma perspectiva sociológica e mediante uma abordagem psicológica educacional, com a articulação de técnicas quantitativas e qualitativas de coleta de dados.

Dentre as cinco instituições existentes na rede pública do município de Mesquita com classes noturnas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o ensino fundamental, foi escolhida uma única escola, sendo 04 turmas (população) da mesma objetos de análise.

Será realizado também, um estudo bibliográfico para fundamentação dessa pesquisa e para a análise dos objetivos propostos.

As etapas e os procedimentos estão descritos mais sucintamente a seguir:

- Visita à escola para apresentação da pesquisa aos diretores;
- Observação assistemática das turmas que compõem a população pesquisada e dos profissionais envolvidos (docentes e direção);
- Aplicação de questionários aos alunos com roteiro previamente elaborado e que permita a obtenção de informações relevantes ao estudo em questão (tipos de atos violentos, circunstâncias, etc);
- Análise dos dados obtidos na instituição.
- Elaboração do relatório final da pesquisa / monografia enfocando seu objetivo: um melhor esclarecimento sobre o assunto abordado.

## V. A VIOLÊNCIA CONTRA OS IDOSOS NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Como se dá a convivência entre gerações diferentes numa mesma sala de aula que atende jovens e adultos? Existem manifestações sutis ou declaradas de situações que denunciem algum tipo de estigmatização causada pelos entrelaces de identidades sociais nos espaços escolares? Muitos fatores influem nestes tipos de relações interpessoais (diferentes faixas etárias) como, por exemplo, a expectativa de vida dos idosos, a percepção que se faz deles como indivíduos inaptos para o exercício de suas capacidades sociais e culturais e a preconceção histórica que muitas pessoas têm da escola como local para crianças e jovens.

A sociedade tem arraigado, através de um longo processo histórico, a idéia de que a terceira idade traz consigo uma série de limitações: já não se tem mais o mesmo vigor, saúde, raciocínio e nem mesmo a coordenação motora da juventude. Em alguns casos, sobra-se muito tempo disponível, sobretudo após a aposentadoria; o afastamento do mercado de trabalho pode acarretar uma série de implicações negativas, e o convívio social também pode ficar mais restrito.

Entretanto, existe também uma outra realidade que não podemos desconsiderar: muitas pessoas idosas contribuem com os seus rendimentos para o orçamento familiar. Esses rendimentos são provenientes de aposentadoria, pensões, trabalho, etc; e representam uma alternativa de subsistência para as famílias que possuem membros fora do mercado de trabalho ou em situação de subemprego.

Segundo os Indicadores Sociais Municipais analisados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no Censo de 2000, quase um terço dos idosos do Brasil são responsáveis pela maior parte da renda de suas famílias.

Ao observar aulas em classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA) pude perceber que muitos conflitos emergem quando trata-se de gerações com visões de mundo muito diferentes e, conseqüentemente, hábitos e comportamentos também muito diversificados. Muitos jovens fazem questão de manter esse afastamento, afinal:

*(...) não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. (...) Tudo o que sobra é o gozo espontâneo de nossa própria superioridade, e do poder dos jovens em relação aos velhos. (ELIAS, Norbert. 2001, p. 80-82).*

Os idosos têm seus hábitos profundamente instalados e que são muito mais conservadores que os dos jovens. Aí começa a construção de uma estigma: o idoso é visto como inflexível, arcaico e que *"poderia estar em casa, mas está na escola estudando"*.

A figura do idoso, que outrora era considerada uma autoridade suprema das famílias e poderoso pelas ~~suas~~ vastas experiências de vida cedeu lugar ao mundo dos jovens. Um mundo que enxerga o mais velho como *"indivíduos que estão inabilitados para aceitação social plena"*<sup>2</sup>, *(...) um ser fundamentalmente isolado e hermeticamente segregado do mundo.*<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Definição de "estigmatizado" por Erving Goffman (1988).

<sup>3</sup> Norbert Elias, 2001, p. 62.

Ao olhar para a nossa sociedade altamente consumista, podemos ver que quem dita normas de comportamento é a juventude. As propagandas publicitárias, os programas de TV e muitos outros produtos exaltam a beleza e o poder aquisitivo; atributos mais prováveis de serem encontrados nos jovens.

Os idosos no Brasil representam um segmento que é desprezado do ponto de vista do consumo. Basta observarmos os principais canais de publicidade para constatarmos que há uma variedade de perfis criados para designar a Terceira Idade. Existem anúncios de TV que mostram o idoso como um ser dependente, passivo; propagandas que o associa ao prestígio e poder, mas recentemente a mídia tem associado a imagem do idoso como símbolo de práticas inovadoras, sobretudo no que diz respeito as novas tecnologias. É inegável o aumento do número de imagens que reconhecem a velhice e/ou o processo de envelhecimento, mas todas essas iniciativas não se comparam à exaltação da juventude.

Goffman (1988) caracteriza estas pessoas que têm um estigma construído ao longo da sua convivência social como “*desacreditáveis*”, ou seja, aquele que não têm um estigma aparente, visível aos olhos. Encontramos aí, claramente, uma profunda correlação entre essa categoria de estigmatizados e aqueles que são vítimas de violências sutis, simbólicas.

Acabamos por nos deparar com uma situação paradoxal, pois vivemos num meio social que realiza muitos esforços, sobretudo na medicina, para aumentar a expectativa de vida das pessoas, mas que, do ponto de vista social e individual, estigmatiza os idosos como incapazes de participação social e cuja bagagem

cultural e experiência já não são mais tão considerados. A construção do estigma é um fenômeno que influencia na estruturação do *status* social de um indivíduo. *Status* social e poder são valores indissociáveis, assim o idoso estigmatizado é considerado um incapaz.

Elias (2001) em seu magnífico e denso ensaio sobre o ato de envelhecer e morrer diz que *"nunca antes na história da humanidade foram os moribundos afastados de maneira tão asséptica para os bastidores da vida social(...)"*. Neste trecho, o autor refere-se à assepsia no seu sentido denotativo, real, mas esse ato de evitar o "moribundo" ocorre em nossa sociedade em outros âmbitos além do biológico. Evitamos os idosos em diversos momentos do cotidiano, como por exemplo: na família, na escola, na vivência social como um todo, justamente por que o consideramos um "moribundo", alguém que, independente das circunstâncias, está <sup>em</sup> iminência de morrer.

O idoso acaba por ter que encarar dois problemas: as conseqüentes da idade – cansaço, doenças, etc. - e a discriminação velada de grande parcela da sociedade para com as pessoas dessa faixa etária.

Mas ser idoso não tem só o seu lado ruim, existem muitas maneiras de se vivenciar essa etapa da vida de uma forma feliz. O próprio Estatuto que foi criado para atender esta categoria - Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003 - assegura atividades que o auxiliem na sua reinserção na sociedade:

*"O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade". (Estatuto do Idoso. Cáp. V, art.20).*

O lazer é um segmento muito promissor para a Terceira Idade. Existem muitos entidades e instituições que oferecem atividades desportivas, artísticas, artesanato, literatura, biblioteca, cinema, educação, recreação, trabalhos em grupo, turismo, etc. Todas estas opções de entretenimento são excelentes formas de socialização e formação de vínculos pessoais. Também possibilitam a identificação de potencialidades e habilidades que muitas vezes são desconhecidas. Mas nem todo idoso tem acesso a estes tipos de atividades, pois existe pouca oferta de lazer e entretenimento sem fins lucrativos.

Quase todos os participantes da pesquisa se dedicam a outras tarefas além da escola. Mas essas atividades normalmente são relacionadas a práticas desportivas, artesanato e a participação em projetos sociais do bairro.

Outro direito assegurado, ainda no mesmo Estatuto, muito importante para uma Terceira Idade saudável é a reserva de horários nos meios de comunicação para veiculação de uma programação que contribua *com finalidade informativa, educativa, artística e cultural* para um digno processo de envelhecimento.

No que diz respeito ao relacionamento dos alunos participantes da pesquisa com os outros membros da mesma comunidade escolar, observa-se que é possível envelhecer de forma ativa, plena de projetos e feliz e que nem todas as pessoas têm preconceitos e estigmas contra idosos.

Fui ao campo com uma concepção de que só iria encontrar discriminação, estigmas, etc; mas minhas hipóteses foram refutadas: um número

expressivo de jovens sentem prazer em estar com pessoas mais velhas, conhecer suas histórias de vida e hábitos. Este ato de manter uma convivência harmônica, uma prática dialógica com velhos, ajuda os jovens a conhecer os modos de vida de outras gerações e perpetuar as características que representam sua identidade cultural. Podemos encontrar respaldo para a importância desta interação entre jovens e idosos no capítulo V do Estatuto do Idoso:

*"Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências as demais gerações, no sentido de preservação da memória e da identidade culturais". (Estatuto do Idoso. art. 21 § 2º).*

Sendo a espécie humana transitória, a participação dos mais velhos nas atividades culturais e sociais é indispensável para a preservação da identidade de indivíduos de determinada época. Sem esta socialização não haveria a história dos nossos antepassados e os processos de linguagem escrita e oral têm um papel fundamental neste processo, pois registram informações das identidades históricas e ajudam a disseminá-las, compartilhá-las, através da interação social.

Existem pessoas que consideram o Estatuto do idoso "mais uma lei" para ser agregada a tantas outras, mas a lei como a iniciativa mais expressiva dos últimos anos, que visa consolidar direitos que a nossa legislação já previa. Esta lei define medidas de proteção às pessoas com idade igual ou superior aos 60 anos, determina obrigações das entidades assistenciais e estabelece penalidades para uma série de situações de desrespeito aos idosos.

O Estatuto só não é suficiente na sua finalidade porque o cumprimento desta e de qualquer outra lei depende do exercício da cidadania das pessoas, ou seja, ultrapassa o campo político para interferir também no âmbito sócio-cultural.

## V.I. IDOSO, TERCEIRA IDADE OU VELHO?

Será que existe um termo mais adequado? A ONU<sup>4</sup> preconiza que a expressão “Terceira Idade” substitua todas as outras, mas estas nomenclaturas extrapolam convenções políticas e sociais para abranger, mais uma vez, a percepção que se faz do velho por ele mesmo e pela sociedade da sua identidade social.

O termo “idoso” mascara no seu significado um aspecto negativo, que denuncia estigmatização no que diz respeito à pessoa que se encontra em processo de envelhecimento. Por sua vez, Terceira Idade é uma terminologia que expressa reconhecimento da velhice sob um prisma positivo, de prazer e felicidade. ??

Ao longo do presente trabalho foram utilizadas as palavras “velho”, “idoso”, “Terceira Idade” como sinónimos, não sendo conferido à eles nenhuma distinção sociológica ou cultural. A construção de uma identidade digna não é diretamente condicionada pelo emprego que se faz das terminologias que a sociedade convencionou para nomear as diversas faixas etárias. A passagem de “idoso” para “Terceira Idade” é um grande passo para o reconhecimento das pessoas que estão acima dos 60 anos, mas só isto não basta: tudo dependerá da

---

<sup>4</sup> 60 anos ou mais: esta é a faixa etária que a ONU (Organização das Nações Unidas) define como o início da velhice nos países em desenvolvimento. Nos países desenvolvidos esta faixa é elevada aos 65 anos.

percepção que os indivíduos têm do seu papel social e da sua identidade, ou seja, de como ele se enxerga inserido no todo social. *bon!*

## VI. O QUE É VIOLÊNCIA SIMBÓLICA?

Existem muitos tipos de violência, mas a que está sendo abordada no presente estudo não é a de significado mais usual como por exemplo, as agressões físicas, roubos, crimes, tráfico, golpes, vandalismo e criminalidade; e sim aquela caracterizada por atos e gestos violentos, porém sutis, simbólicos e que nem sempre são percebidos com tal.

Não importa qual seja a sua forma de expressão, a violência é preocupante em qualquer âmbito, porém a sociedade ainda não tem uma percepção clara de que todos os dias somos expostos a uma série de situações em que somos violentados sem termos a menor consciência desta condição.

A violência simbólica é um fenômeno que pode ser caracterizado por toda e qualquer situação de vitimização originada de questões sociais, culturais e políticas e é externada através de atitudes e posturas discriminatórias das pessoas.

É importante ressaltar que esta definição não é de senso comum, e pode sofrer variações de acordo com o grau de aceitação de determinados comportamentos pelos membros da sociedade.

Segundo Mauss<sup>5</sup>, *todo fenômeno social tem na verdade um atributo essencial: seja um símbolo, uma palavra, um instrumento, uma instituição; seja mesmo a língua e até a ciência mas bem feita; seja ele o instrumento mais adaptado aos melhores e mais numerosos fins, seja ele o mais racional possível, o mais humano, ele é ainda arbitrário.*

Assim, os esquemas da violência simbólica são "relações de força", que impõem demandas sociais diferenciadas por gênero, classe ou grupo de status. Mas o maior problema em defini-los é que eles não viabilizam a reflexão sobre as contradições existentes nos conflitos que se manifestam no plano do simbólico e os que se estabelecem na sua forma concreta, como as as agressões físicas, por exemplo. A violência simbólica é construída de forma sutil através de um poder que não se nomeia e que mascara as relações sociais.

## VII. PESQUISA DE CAMPO

Buscando dados concretos que auxiliassem neste estudo, realizei uma pesquisa de campo cujo objetivo era perceber qual a visão que o idoso tem do seu espaço escolar, das relações estabelecidas nele e da sua inserção neste cenário.

Esta pesquisa aconteceu em duas etapas:

A primeira foi a observação do bairro e da escola e uma conversa informal com alguns atores deste cenário; a segunda etapa foi a aplicação de questionários (ANEXO I) para pessoas com faixa etária acima de 60 anos.

---

<sup>5</sup> BORDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, Organização e Seleção:

Foram envolvidas todas as turmas de 5ª a 8ª série de uma escola noturna de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), mas mesmo assim haviam poucas pessoas que atendessem ao critério estabelecido para a população da pesquisa: apenas 08 alunos acima de 60 anos, e todos foram participantes da pesquisa.

## VII.I. O ENTORNO

A escola "X" se situa num bairro predominantemente residencial da Baixada Fluminense. Nele existem alguns comércios isolados e na mesma esquina da escola podemos encontrar alguns bares, duas padarias e uma *lan house*<sup>6</sup>. Pude perceber que estes lugares são muito frequentados pelos alunos jovens antes da entrada e na hora da saída, mas os alunos mais velhos não são encontrados nestes locais porque, após as aulas, vão direto para suas casas.

No que diz respeito à estrutura física do bairro, todas as suas ruas são asfaltadas, bem iluminadas e com coleta de lixo regular. Sua estrutura arquitetônica é composta predominantemente por casas, sendo rara a presença de apartamentos.

Os principais meios de transporte do local são os trens e os ônibus, pois a escola fica bem próxima de uma estação ferroviária e da principal via de acesso ao

---

Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, 5ª ed.

<sup>6</sup> Ambiente caracterizado por diversos computadores conectados em rede. A princípio, disponibilizava apenas jogos conectados em um único ambiente virtual, mas atualmente oferece acesso à internet, uso de softwares, impressões, etc.

bairro: uma estrada com inúmeras opções de transporte coletivo para lugares diversos do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense.

Podemos encontrar reforço dessa minha observação nos questionários aplicados: 80% dos respondentes acham que o bairro onde se situa a escola é bom.

## **VII.II. A ESCOLA**

A escola foi reformada recentemente e, como já estudei nela antes desta reforma, posso afirmar que aconteceram muitas melhorias realizadas pela nova administração do bairro.

As paredes são conservadas, pintadas em cores verdes e brancas, as salas de aula são bem iluminadas, mas nem tão arejadas, pois não há janelas e sim vários quadradinhos em uma das paredes.

Ela tem dois andares e os principais espaços externos da escola, são: uma quadra, uma cantina, uma sala de leitura e uma sala de vídeo.

Quadra - Ampla, mas descoberta. Embora esteja em bom estado de conservação, não oferece grandes recursos.

Cantina - Pequena. Destina-se basicamente ao atendimento das classes noturnas. Os turnos da manhã e tarde têm merenda escolar servida todos os dias em horários de recreio.

Sala de leitura -Razoável. Não possui um grande acervo literário. A utilização deste espaço depende da disponibilidade do funcionário responsável para permanecer no local.

Sala de Vídeo - Suficiente para atender o quantitativo de alunos existentes na escola.

### **VII.III. A OBSERVAÇÃO**

Para que não tivesse um olhar influenciado pelos dados dos questionários e também para não influenciar nas respostas dos participantes; optei por iniciar a pesquisa observando as relações tecidas naquele espaço e, vez em quando, conversando informalmente com algumas pessoas.

Logo constatei que existiam poucos idosos e que eles eram os primeiros a chegar na sala de aula. Assim que os outros alunos jovens iam chegando, eles conversavam normalmente entre si e não havia nenhuma segregação aparente. Após algum tempo de observação, encontrei a primeira manifestação da construção de um estigma: a forma de tratamento. Os idosos são chamados de diversas maneiras como, por exemplo, "tia", "vó", "coroa", etc. E estas formas de tratamento provém maciçamente dos alunos do sexo masculino. As meninas designam aos alunos mais velhos, as mesmas formas de tratamento que usam com seus colegas da mesma faixa etária.

Em uma ocasião, na hora da saída, havia uma senhora sentada no pátio e um aluno (sexo masculino) de aproximadamente 16 anos veio em direção a ela e disse:

*"- Poxa vó eu estava mesmo te procurando... me empresta o caderno aí para eu copiar as matérias atrasadas!"*.

Após receber uma resposta positiva o aluno completou:

*"- Valeu vó, eu sabia que a senhora não ia desparceirar..."*.

Além das frases, chamou a atenção a entonação como ela foi falada: com um ar de deboche, de superioridade e principalmente de intimidação, pois o aluno estava tão certo que a resposta seria afirmativa que já estava pegando o caderno da senhora que estava ao seu lado no banco.

Logo que o adolescente saiu, sentei-me ao seu lado e perguntei-lhe por que, com tanta gente na turma, aquele aluno viera pegar justamente o seu caderno emprestado e ela me disse que muitos deles (colegas da turma) fazem isso, pois sabiam que ela nunca faltava, copiava todas as matérias e se saía bem nas provas.

Para constatar se este tipo de evento era específico daquela turma, conversei com uma outra aluna idosa de fase (série) diferente e perguntei-a como era a divisão dos grupos quando haviam tarefas coletivas. Ela disse que havia até briga para ver quem ficaria no seu grupo, pois ela era muito exigente e fazia praticamente todo o trabalho sozinha.

Outro caso também curioso e, portanto, importante de ser descrito foi o de uma jovem senhora da 8ª série (por eles chamada de Fase 8) que respondeu no questionário nunca ter sido vítima de discriminação, mas que, ao conversar informalmente, teve um discurso totalmente divergente da sua resposta.

Ela relatou que os meninos da sua turma a perturbavam e debochavam o tempo todo por acharem que ela se comporta como “criança”. Sem entender como este tal comportamento, pedi que ela fosse mais específica e ela me disse que os motivos do deboche eram seus cadernos encapados, seu estojo arrumado, o lanche que levava, etc.

Segundo Elias (2001) *uma das coisas que os velhos fazem, em particular as coisas estranhas, estão relacionadas a seu medo de perder a força e a independência, e especialmente de perder o controle de si mesmos. Uma das formas de adaptação a essa situação é a regressão ao comportamento infantil.*  
[p.82]

Para melhor compreensão de como se construía as relações interpessoais da jovem senhora citada acima, fui conversar com alguém de fora, uma pessoa que não participava dos atos estigmatizantes contra a aluna em questão, mas que testemunhava de perto os eventos ocorridos.

Elegi uma aluna de mais ou menos 18 anos que me disse que o episódio mais recente que ela presenciou foi a colocação de um preservativo aberto dentro da sua mochila por um orifício de uma cartolina enrolada. Segundo a jovem aluna, a senhora ao ver jogou fora, mas sequer contactou a professora ou qualquer outro profissional da escola.

As pessoas idosas desta escola são coagidas, intimidadas de forma muito sutil, mas perceptível, por alguns membros da escola e nem reconhecem isto como uma manifestação velada de violência simbólica. Essas intimidações não são sempre verbais -quando sim são faladas de forma codificada e com entonação de brincadeira -, mas também através de olhares, comentários indiretos, por exemplo: *“quem se meter comigo eu quebro!!”*.

Abramovay (2003) faz alusão a dois tipos de vulnerabilidades sociais: a *“positiva”, que tece formas de resistência e gera o poder simbólico da subversão, e a “negativa”, que torna o indivíduo fragilizado e refere-se aos obstáculos e riscos da sociedade.*

Os idosos desta escola são vulnerabilizados de uma forma negativa quando são fragilizados e intimidados, mas se mostram incapazes de resistir e enfrentarem de frente estas discriminações. É importante ressaltar que nesse processo de vulnerabilização o aspecto negativo diz respeito não só ao idoso, ao estigmatizado, mas também ao praticante os atos discriminatórios.

Goffman diz que o *“estigmatizado e o normal são parte um do outro... Ao imputar identidades aos indivíduos, desacreditáveis ou não, o conjunto social mais amplo e seus habitantes, de uma certa forma se comprometeram, mostrando-se como tolos”*. (GOFFMAN, Erving. 1988, p.146)

Ainda em Goffman sobre as relações do eu com o outro, encontramos esta outra afirmação:

*“O normal e o estigmatizado não são pessoas e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro”. (GOFFMAN, Erving. 1988, p.146)*

O idoso representa uma parcela da sociedade que tem grande probabilidade de sofrer discriminações, mas que não promove uma organização efetiva para reagir, reverter esse quadro. As manifestações de reivindicações são muito esparsas. Cai-se na construção de um outro estigma que ultrapassa o social para atingir o âmbito do político.

Demo (1998) define isto com uma manifestação de “pobreza política” . Segundo ele:

*“É cotidiana a manipulação do comportamento e da consciência dos outros, e esta manipulação pode ser tão bem praticada, que o manipulado a torna conteúdo normal de sua rotina. Não é voluntária como se o manipulado pudesse ser culpado. É simplesmente “arte” da manipulação. A vítima sequer chega a consciência de que é vítima. (...) A questão da vítima é essencialmente política, seja no sentido das dificuldades de reação no que se refere à efetivação de direitos seja no de não conseguir construir a consciência suficiente destes direitos.” (DEMO, Pedro. 1998 p.27).*

A postura dos professores também denuncia um grande despreparo dos profissionais da educação com classes de EJA. Muitos deles não demonstram um bom domínio de estratégias didáticas para lidar com turmas mistas, com alunos de diferentes faixas etárias.

dizer  
melhor  
desenvolver

O ensino acontecia de forma confusa e com procedimentos didáticos variados:

- Aulas com cópia de textos e exercícios da forma mais tradicional possível e sem a interação da turma;
- Aulas onde a explicação era infantilizada, menosprezando a experiência de vida dos alunos;
- Aulas que só permitia uma única explicação de forma descontextualizada do cotidiano da turma; etc.

Sem contar que é nítido o afastamento de alguns docentes <sup>de</sup> para ~~com~~ os seus alunos. Dou aula de informática educativa para alunos do 2º Segmento do Ensino Fundamental e o relacionamento que se estabelece é totalmente oposto do que ocorre com turmas de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA). Parece que os professores que lidam com jovens e adultos temem o comportamento da turma, ou pelo menos, de alguns alunos da mesma.

Muitos conflitos que emergem em sala de aula poderiam ser evitados se a postura dos docentes fosse ~~condizente~~ com o nível de ensino em que trabalham. A atualização e especialização dos profissionais que atuam com turmas de Educação de Pessoas Jovens Adultos (EJA) é condição "sine qua non" para uma atuação pedagógica de qualidade.

Outro aspecto importante é que uma parcela representativa da maioria dos respondentes foram contraditórios em pelo menos duas de suas respostas: dizem não haver discriminação entre os alunos, mas no ítem “relacionamento da turma”, apenas 20% o consideraram bom.

O diálogo no espaço escolar é um valor em baixa entre os idosos. A maioria prefere conversar com os parentes sobre os acontecimentos da escola. Isto comprova a hipótese de que há uma discriminação velada, sutil, mas que em alguns momentos, <sup>tolhe</sup> cala e tole os alunos da Terceira Idade.

Em contrapartida, existe um dado positivo na pesquisa: 90% dos respondentes estudam por satisfação pessoal, mostrando que estar engajado em alguma atividade faz com que o idoso se sinta útil e, conseqüentemente, tenha sua qualidade de vida e bem-estar assegurados.

Estudar dá uma nova dimensão a vida desta camada da sociedade. Eles ficam felizes e realizados com as possibilidades que se abrem e sobretudo, com o seu potencial que, até então, estava oculto. Em alguns casos, o retorno ao ambiente escolar abre precedentes para a prática de outras atividades.

Quase todos os participantes resolveram se dedicar a outras tarefas além da escola. Essas atividades normalmente são relacionadas a práticas desportivas, artesanato e a participação em projetos sociais do bairro.

## VIII. IDADE CRONOLÓGICA X CAPACIDADES MENTAIS E SOCIAIS

Um meio muito presente na nossa sociedade de vitimizar o idoso tem origem nos processos comunicacionais. Sabe-se que as competências sociais, intelectuais e outras são aprimoradas com o passar dos anos e isto só é possível pelas inter-relações nos ambientes de trabalho, lazer, família, etc. A observação em campo mostrou que existe uma realidade diferente onde os mais velhos são vistos, por algumas pessoas, como incapazes para a execução de determinadas tarefas, sobretudo as de assimilação.

Parte-se do pressuposto de que suas capacidades mentais são inferiores as dos jovens, mas esta idéia é uma construção histórica e social falha, pois em muitos casos, mesmo quando há indícios de dificuldades, elas podem ser compensadas ou até superadas pela dedicação, força de vontade e pela imensa satisfação em descobrir que é possível ter uma vida ativa, saudável e produtiva, independente da idade cronológica.

A questão é que *“os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem probabilidade de serem neles encontrados”* e normalmente, o que se espera é ver jovens e crianças nas escolas. Toda dificuldade do adolescente é vista como normal e passível de ser superada, mas as dificuldades dos idosos logo são atribuídas à sua idade e à idéia negativa de incapacidade que se tem desta faixa etária.

Sabemos que o ato de envelhecer é um processo fisiológico do qual nenhum ser humano pode escapar, mas podem existir diferentes formas de encarar este

envelhecimento. Observando ao nosso redor podemos constatar que não é muito incomum vermos pessoas com a mesma idade cronológica, mas com estilos de vida diferentes. Envelhecer não significa que estamos, gradativamente, tendo nossas chances de viver diminuídas. Ao conversar com alguns idosos na escola onde realizei minha pesquisa de campo coletei um depoimento que ilustra, de forma bem concisa, este fato:

*— "Eu estou aqui estudando, mas meu esposo fica em casa assistindo TV... Ele não é muito a favor não! Está sempre falando que estou velha para estudar e que estou fazendo papel de palhaça na escola."*

Neste desabafo, a aluna que tem os sinais de velhice biológica, normal, que evolui progressivamente, deixa claro no seu tom de voz, na expressão do seu olhar vago, que não concorda com a posição do seu cônjuge e que, para ela, sua idade não interfere em nada na sua vida, ou seja, tem toda a aptidão física, orgânica, biológica e intelectual que outro estudante jovem daquela escola possui.

Este depoimento evidencia o quanto a espécie humana tem uma incrível capacidade de adaptação ao meio em que vive, mas ainda existem de forma muito flagrante certas concepções que se instalam profundamente e que também são frutos do convívio social. E podemos ir mais além: a complexidade das relações sociais é tão grande que não é somente a sociedade que encara de formas diversas o processo de envelhecimento: os próprios idosos e seus familiares têm mecanismos diversos de lidar com esta fase da vida.

O exemplo deste casal ilustra de forma muito representativa o perfil familiar dos idosos da escola pesquisada. Através das conversas informais que tive com eles em campo, constatei que em quase todas as famílias existe um parente que encara o modo de vida ativo destas pessoas, como inadequado para sua idade. Os graus de parentesco mais citados foram: cônjuges, filhos, netos e irmãos.

Outro aspecto que esteve presente em quase todos os diálogos é a importância dada a saúde física e mental, pois, segundo eles, dela depende todas as outras atividades desenvolvidas. A possibilidade de perda da saúde física e mental ameaça a perda da autonomia, da independência para decidir como será conduzida a sua vida e das capacidades intelectuais.

Eles falam com um orgulho imenso que andam sós nas ruas, pegam ônibus, estudam, etc. Perguntei a um senhor que fazia parte da "VI FASE" (equivalente a 6ª série) sobre sua rotina, e ele me respondeu o seguinte:

*"Muitas coisas!!! Eu acordo cedo para fazer café, faço minha caminhada, ajudo minhas filhas na entrega de quentinhas a domicílio e a noite venho para a escola... ( pausa longa, com um olhar distante) Não sei como estes jovens de hoje conseguem ficar o dia todo na esquina. Os alunos daqui mesmo, muitos deles só estudam! No meu tempo um sujeito macho começava a trabalhar cedo, eu mesmo iniciei minha luta com 14 anos".*

A maneira como este senhor falou estas palavras, com um olhar distante, sorriso nos lábios, revelava o saudosismo de seu tempo de juventude, que segundo

ele, era vivenciado de uma forma diferente da que ele presencia entre seus colegas de classe.

Outra questão bem pertinente à esta discussão das relações das capacidades sociais e mentais com a idade cronológica, é que nem todas as iniciativas que visam promover a valorização do idoso atingem seu objetivo e, das que o atingem, muitas pecam pela preocupação excessiva.

Podemos citar como exemplo as Universidades para a Terceira Idade. Essas iniciativas, da mesma forma que a questão das cotas raciais, segregam de forma muito clara, pois não vejo necessidade de se criar uma instituição de nível superior que atenda exclusivamente os idosos. Os atributos físicos, intelectuais, morais, etc; não podem ser utilizados como parâmetros para concessão de benefícios. Os atributos econômicos, por sua vez, são aceitáveis porque possuem critérios claros e mensuráveis do poder aquisitivo de cada indivíduo.

Como saber se uma pessoa que acabou de entrar numa universidade tem capacidades mentais e intelectuais para concluir seu curso? Da mesma forma, com que fundamentação podemos sentenciar que um aluno idoso não tem condições de cursar uma mesma universidade que um jovem?

Propostas deste tipo estigmatizam, segregam ainda mais o aluno idoso e a sociedade sequer percebe tal iniciativa como algo excludente, mas sim como uma alternativa "caridosa" de um determinado grupo de pessoas que querem "ajudar" os velhos. O idoso precisa sim de atenção, mas deve-se ter um grande zelo para não

se cair numa preocupação excessiva. Todas as coisas, sem exceção alguma, precisam de equilíbrio, limite.

## IX. ANÁLISE GERAL DOS DADOS

Na tabela abaixo é possível ter um panorama geral da população envolvida na pesquisa:

Quantidade existente	08 pessoas
Quantidade de respondentes	08 pessoas
Respondentes do sexo masculino	01 pessoa
Respondentes do sexo feminino	07 pessoas
Respondentes da 5ª série	Nenhum
Respondentes da 6ª série	Nenhum
Respondentes da 7ª série	03 pessoas
Respondentes da 8ª série	05 pessoas

População: Pessoas a partir de 60 anos<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> A princípio a população englobaria idosos a partir de 65 anos, mas como havia apenas 01 pessoa neste faixa etária, foram consideradas todas as pessoas acima de 60 anos

## X. CONCLUSÃO

Existem manifestações de conflitos no plano simbólico que delineiam a estigmatização dos idosos na escola observada, sobretudo nos atos e práticas dos alunos do sexo masculino, que têm uma cultura muito mais preconceituosa do que as mulheres. As alunas quase nunca estão envolvidas em situações de construção de estigmas e sua interferência só ocorre de forma positiva, para a defesa dos idosos. Os atos mais freqüentes são: o uso de “apelidos”, as intimidações, o deboche, mas nada que possa ser considerado “muito grave”. As intimidações presenciadas em momento algum colocavam em risco a integridade física e moral dos alunos.

A figura do docente também contribui para a construção de um estigma através do seu despreparo frente às situações cotidianas que ocorrem no plano pedagógico. Não há um planejamento específico que considere as condições peculiares dos idosos, sobretudo porque as turmas de EJA (Educação de Pessoas Jovens e Adultas) são mistas, abrangendo alunos de diversas faixas etárias. A ausência da autoridade docente condiciona a incidência de situações que “evidenciam” alguns alunos e tole a grande maioria. Estes alunos em destaque têm grande influência na tomada de decisões dos assuntos da turma, pois possuem capacidade de persuasão. Mais uma vez, este domínio de turma concentra-se nas mãos dos alunos do sexo masculino.

Entretanto, a figura do idoso não é só estigmatizada e a cada dia cresce a mobilização social para propiciar boas condições de vida ao mais velhos. O

Estatuto do Idoso é um grande exemplo desta mobilização e traz em suas leis respaldo necessário para a construção de uma sociedade igualitária onde as pessoas mais velhas sejam cada vez menos estereotipadas.

Os alunos de Terceira Idade da escola observada já estão gradativamente fazendo a sua parte, ampliando a cada dia o conhecimento de seus direitos e deveres e resgatando a auto-estima e dignidade através de uma vivência feliz.

A sociedade também já demonstra estar cedendo, mesmo que lentamente, aos novos paradigmas da velhice. É claro que é grande a preconceção do idoso como um incapaz para exercer suas habilidades plenas, mas com as atitudes individuais de cada um deles abre-se um novo horizonte, novas perspectivas que revelam a possibilidade real de se reverter o atual quadro de violência simbólica contra os mais velhos. E, não há lugar melhor para iniciar esta mudança do que no plano educacional. Que os profissionais possam cada vez mais se capacitarem para auxiliar nesta mudança tão importante para a nossa sociedade.

## XI. BIBLIOGRAFIA

ELIAS, Norbert. A Solidão dos Moribundos. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª Edição, Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

DEMO, P. Pobreza Política. Autores Associados, Campinas, 7a ed. 1998.

ABRAMOVAY, Miriam. Escola e Violência. Editor(es): UNESCO, Universidade Católica de Brasília, Observatório de Violências nas Escolas. Ano: 2003 - 2. Ed.

IBGE: Censo Demográfico 2000. Brasília, 2000.

BRASIL. Estatuto do Idoso. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Presidência da República. Brasília, DF, 2003. **Publicado no Diário Oficial [da República Federativa do Brasil] em 03.10.2003.**

## XII. ANEXO I - QUESTIONÁRIO

Este questionário é parte integrante de uma pesquisa que está sendo realizada na sua escola.

Não é necessário a sua identificação, pois a análise dos dados será feita por faixa etária (idade). Agradecemos pela colaboração!

Turma: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

1) Cor:

(A) Branca

(B) Parda

(C) Preta

(D) Índigena

(E) Amarela

2) opinião sobre o relacionamento dos alunos da turma:

(A) Péssimo

(B) Ruim

(C) Bom

(D) Mais ou menos

(E) Regular

3) Opinião sobre o bairro onde se localiza a escola:

- (A) Péssimo
- (B) Ruim
- (C) Bom
- (D) Mais ou menos
- (E) Regular

4) Com quem você mais conversa sobre os acontecimentos da escola?

- (A) Um amigo mais velho da turma, mais experiente.
- (B) Um amigo fora da escola.
- (C) Um professor.
- (D) Seus parentes.
- (E) Um amigo que tem a mesma idade que eu, as mesmas idéias.

5) Você acha que a sua idade é ideal para a série na qual você estuda?

- (A) Sim.
- (B) Não, me acho atrasado.
- (C) Não, me acho adiantado.

6) Por que motivo você estuda?

- (A) Por satisfação pessoal.
- (B) Por motivos financeiros.
- (C) Por que meus familiares acham importante.
- (D) Para ser alguém na vida.

7) Quando terminar a 8ª série pretende continuar estudando?

(A) Sim.

(B) Não, já passei da idade.

(C) Não, o que aprendi já é o suficiente para mim.

8) Você já sofreu algum tipo de preconceito, discriminação ou violência na sua turma?

(A) Sim.

(B) Não.

9) Você acha que há algum aluno da sua turma que é mais perseguido que os outros?

(A) Sim.

(B) Não.

(C) Em branco.

10) Algumas pessoas acham que *"quanto mais velhos ficamos, mais dificuldades temos de aprender."* Você concorda com isso?

(A) Sim.

(B) Não.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Patricia Carvalcante José Roque

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : As manifestações da violência simbólica na Escola.

ORIENTADOR : Prof. Dr. Diógenes Pinheiro

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado:

Nota :

Considerações:

Ótima discussão sobre a condição na qual se coloca o velho ou idoso ou 3ª idade). Interessante a discussão sobre a terminologia e a

estigmatização. Comentários interessantes sobre a diferença entre os sexos quanto ao tratamento dos velhos. A aluna mostra seus sentimentos e se posiciona claramente quanto ao tema que se propõe discutir. Ótimo!

Senti falta de um melhor aproveitamento do questionário. Não vi seus resultados serem discutidos.

Bom trabalho que tira da penumbra esta questão que deve ser trazida com mais força para o campo da Pedagogia.

Parabéns

André

Segundo avaliador :

Professor orientador : Diógenes Pinheiro

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações:

Trabalho de excelente qualidade sobre tema ainda pouco estudado na educação contemporânea, que é as implicações da presença de idosos nas turmas de EJA.

Reflexão teórica deusa e vistas univádna sobre a realidade observada. Levanta uma questão

pertinente ao contexto o reconhecimento adquirido pelo idoso no plano jurídico e político ao estresse que ainda sofre no cotidiano escolar, que aumenta conforme a hora, pois se centra cada vez mais na valorização da juventude, deixando no meio de comunicação como sendo o pedras dominante de indivíduos.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II:

Ligia Martha Coimbra de L. Coelho

Nota :

8,0

Considerações:

O trabalho carece de uma apresentação de "monografia", ou seja, os capítulos não consubstanciam temas (estão fragmentados); as citações não contém página de onde foram retiradas e ou autor; as folhas iniciais estão fora das normas da ABNT; as referências estão fora da ordem, enfim, seria necessária uma revisão geral quanto aos aspectos formais. Lereu

#### RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	10,0	8,0	27,0	9,0

Rio de Janeiro, 17/08/2005

L. Coelho

**QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES**

Mês março

Dia	07/03	14/03	21/03	28/03
Observações				
Professor	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>
Aluno	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>

Mês abril

Dia	04/04	11/04	18/04	25/04
Observações				
Professor	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>
Aluno	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>

Mês maio

Dia	02/05	09/05	16/05	30/05
Observações				
Professor	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>
Aluno	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>

Mês junho

Dia	06/06	13/06	20/06	27/06
Observações				
Professor	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>	<i>SP</i>
Aluno	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>	<i>Patricio</i>